



O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MAZELI, Evanilda Barbosa de Oliveira¹
val_mazeli@hotmail.com

MELLO, Ângela Rita Christofolo de²

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi analisar como o professor que atua no 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos trabalha com as dificuldades de apropriação do Sistema de Escrita Alfabético (SEA). Na tentativa de alcançar esse objetivo, realizou-se uma pesquisa empírica, de abordagem qualitativa, que utilizou como instrumento de coletas de informações a observação, aplicação de questionário com questões subjetivas ao professor da sala que atua nesta modalidade de ensino. A observação nos permitiu identificar a metodologia adotada pelo professor, os recursos e as estratégias didáticas utilizadas. O resultado dessa pesquisa informa que a atuação docente do professor da sala de aula observada, pouco contribui para que os estudantes vençam as dificuldades de aprendizagem e se apropriem do Sistema de Escrita Alfabética. Porém, há uma participação e esforço dos estudantes para a apropriação da escrita.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, Estratégias didáticas.

Introdução

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar como o professor que atua no 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) trabalha os desafios de apropriação do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) e as dificuldades apresentadas pelos estudantes da EJA.

A apropriação da leitura e da escrita é fundamental no processo educativo porque permite ao estudante, o aprendizado de conhecimentos elaborados ao longo da história da humanidade. Contudo, a aprendizagem da leitura e escrita não ocorre de forma natural ou espontânea, a apropriação desses direitos de aprendizagem demanda situações pedagógicas

¹ Licenciada em Pedagogia na UNEMAT campus universitário de Juara

² Professora Doutora do curso de Pedagogia da UNEMAT *Campus* Universitário de Juara/MT.



específicas que, na atualidade, são desenvolvidas na escola, ou seja, em um processo de educação formal (KLEIN, 2003). Assim, é função da instituição educativa fornecer os instrumentos necessários para que o educando consiga se apropriar dos conhecimentos que extrapolam as aprendizagens construídas fora do espaço escolar.

Na escola, o estudante tem o direito de aprender os conhecimentos formais relacionados à Ciência, a Arte, a Filosofia, a tecnologia, a sociologia, (BARROCO, TULESKI, 2006) dentre outras áreas do conhecimento. A apropriação desses conhecimentos possibilita, dentre outras coisas, a promoção do desenvolvimento humano, em todas as suas dimensões. Com essa compreensão, justificamos a escolha dessa temática porque durante o estágio realizado na modalidade EJA, observamos que os estudantes têm dificuldades para escrever e produzir textos. Diante dessa realidade, nos dispomos a pesquisar e analisar como o professor trabalha as dificuldades de escrita desses estudantes, pois como contextualizado, essa é uma condição para que os demais direitos de aprendizagem possam ser assegurados.

Todas as pessoas têm direito de aprender a ler e a escrever, independente da idade. O direito é de todos em ter uma educação de qualidade e o Estado tem por obrigação proporcionar essa educação a cada indivíduo desde o seu nascimento até sua morte. (FERNANDES; *et al*, 2012).

Para a maioria das pessoas sem escolarização, ingressar na EJA é uma esperança de melhores condições de trabalho, melhor salário e, conseqüentemente melhores condições de vida. (FREIRE, 2001). Para essas pessoas, a apropriação do conhecimento intelectual é muito importante. Diante desse contexto, as questões que orientaram a realização da pesquisa foram: Por que os estudantes da EJA têm dificuldades para aprender a escrever? Quais são os fatores provocadores dessas dificuldades? Como ajudar os estudantes a superar suas dificuldades de aprendizagem na apropriação da escrita?

Assim este texto apresenta reflexões voltadas ao contexto da pesquisa realizada e indica a fragilidade do contexto observado e a importância do planejamento docente com intervenções que atendam às necessidades ou as dificuldades de aprendizagem dos estudantes.

A importância da alfabetização e do letramento para o desenvolvimento humano



A alfabetização e o letramento atualmente são compreendidos como conceitos diferentes, porém indissociáveis. Segundo Soares (2003, p. 20), “só recentemente passamos a enfrentar essa nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente”.

Com essa compreensão, Klein (2003) afirma que a apropriação da leitura e da escrita é um processo complexo que envolve tanto o domínio do sistema alfabético/ortográfico quanto à compreensão e o uso da língua escrita em inúmeras práticas sociais, ocupando um lugar de destaque no processo ensino-aprendizagem.

Sobre esse aspecto Luria (1994), argumenta que a linguagem teve importância decisiva para a reorganização da atividade consciente do homem, sendo a linguagem o veículo fundamental de transmissão de informação que se formou na história da humanidade.

Para o autor, ao transmitir a informação mais complexa, produzida ao longo de muitos séculos de prática histórico-social, a linguagem permite ao homem assimilar essa experiência e por meio dela dominar um ciclo imensurável de conhecimentos, habilidades e modos de comportamento, que em hipótese alguma poderiam ser resultado da atividade independente de um indivíduo isolado [...] e que a linguagem é realmente o meio mais importante de desenvolvimento da consciência. Luria, (1994, p. 81), ressalta que:

A linguagem desempenha funções importantes nos processos de percepção do mundo exterior, cria e muda processos da memória do homem, onde ler e escrever demanda reflexão a qual aperfeiçoa o conhecimento e permite o entendimento do que foi lido.

Como vemos, o processo de apropriação da leitura e da escrita é indispensável e significativo na vida das pessoas, vai muito além do aprender a se comunicar e decodificar códigos. Este se constitui na possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, ampliar a visão do mundo. Assim, a apropriação da leitura e da escrita são condições essenciais para a formação de seres humanos com possibilidades de participação social. De acordo com Freire (1996) apropriação do Sistema de Escrita Alfabética é condição básica no processo educacional.



Contudo, Freire e Macedo (1990, p. 92), afirmam que a “alfabetização não pode ser encarada simplesmente como o desenvolvimento de habilidades que vise à aquisição da língua padrão dominante

Para além do conceito restrito de alfabetização, Freire (2006, p. 68), afirma que “[...] o trabalho de alfabetização, na medida em que possibilita uma leitura crítica da realidade, se constitui como importante instrumento de resgate da cidadania [...]”. Para isso, a orientação é que o educador alfabetizador inove a sua prática de ensino, mude sua proposta em que na tarefa de alfabetizar e educar seja essencial não apenas decorar e copiar, mas aprender a compreender e a pensar.

Com essa compreensão, é importante que o educador crie estratégias que possibilitem alfabetizar seus estudantes na perspectiva do letramento, com intervenções metodológicas adequadas a alfabetização e ao letramento. Assim, “o ensino da leitura e da escrita deve ser entendido como prática de um sujeito agindo sobre o mundo para transformá-lo e, para, através da sua ação, afirmar a sua liberdade e fugir à alienação” (VIEGAS, 2007, p. 4). Neste sentido, Soares (2003, p. 20) afirma que:

Não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita”. Para essa autora o letramento é definido como o estado ou condição de quem não só sabe ler, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive conjugando-as com as práticas sociais de interação oral.

Compreendemos que a ação do educador é incentivar o educando adulto a criar uma consciência crítica que busque superar os desafios da vida. Conforme afirma Klein (2003, p. 28), “o processo de apropriação da leitura e da escrita é indispensável e significativo na vida das pessoas. Esse processo vai além do aprender a se comunicar e decodificar códigos, constitui na possibilidade de adquirir conhecimento, apreende-los a desenvolvê-lo”.

As contribuições do professor que atua no primeiro segmento da EJA

Há várias formas do professor contribuir com os estudantes no que se refere a produção de textos escritos. Para compreender utilizamos da entrevista e perguntamos a professores que atuam na EJA: Há estudantes com dificuldade de escrever e de produzir



textos escritos? O professor afirmou que “sim”. Segundo Araújo (2016) uma recomendação importante para que as dificuldades de apropriação da escrita sejam superadas é o reconhecimento do estudante da EJA quanto à função social dos gêneros textuais trabalhados em sala. Desse modo,

[...] A dificuldade individual é reduzida, na medida em que o texto é construído coletivamente. Devemos considerar, ainda, que a leitura e escrita não deve ser feita letra a letra ou sílaba a sílaba, mas por blocos maiores, pois essa opção por unidades menores não ajuda a vencer as dificuldades ao trabalhar produções textuais, pelo contrário, torna, muitas vezes, o texto sem sentido (ARAÚJO, 2016, p. 26).

Portanto, se faz necessário que o professor ofereça aos estudantes uma didática diferenciada, com as condições necessárias para o desenvolvimento desses estudantes, em que possam satisfazer seus desejos e necessidades e ao mesmo tempo despertar o interesse para a leitura e a produção de textos.

Ao questionar o professor a que ele atribui essas dificuldades, o professor afirmou que essas são decorrentes da idade: “Devido a não terem tido a oportunidade de estudar na idade certa, devido a não terem oportunidades”, Todavia, existem vários recursos e estratégias didáticas que contribuem para que essas dificuldades sejam vencidas, a saber:

Antes de mais nada é preciso ter em mente que, embora a leitura e a escrita sejam processos diferenciados, nada impede que ocorram simultaneamente. Para que isso ocorra, um bom caminho é o trabalho com texto. A leitura em voz alta de um texto significativo (notícia de jornal, carta para um parente, receita culinária, simpatia, etc.) é um bom começo de trabalho e que provavelmente vai despertar o interesse dos alunos. Depois de comentá-lo oralmente e descobrir com eles o seu significado, é importante escrevê-lo no quadro, para que os alunos “leiam” o que está escrito. É conveniente que na sala existam materiais escritos, em diferentes suportes de escrita, que possam ser catalogados pelos estudantes de acordo com seu interesse. (POSSAS, 1999, p. 31)

Dando continuidade, indagamos ao professor quais são os gêneros textuais que utiliza para trabalhar a escrita e a produção de textos escritos em sala. O professor afirmou “Conto, receitas culinárias, cartas e piadas”. Neste contexto, Soares (2003), Morais e Albuquerque (2004) afirmam que as práticas dos professores e os livros didáticos passam por contínuas transformações. Pesquisas apontam que o ensino da leitura e da escrita foi repensado e que os gêneros textuais que permeiam os livros didáticos, dependendo das estratégias utilizadas pelo professor, são instrumentos facilitadores que proporcionam significativas mudanças nos



conteúdos ensinados em sala de aula. Ao trabalhar a escrita por meio dos gêneros “contos, receitas de culinária, cartas e piadas” o professor tem maior chance de demonstrar aos estudantes a função social da escrita, e esse reconhecimento por parte dos estudantes, favorece a sua apropriação. Como afirmam Morais e Albuquerque (2004, p. 66):

[...] adultos analfabetos, por viverem em um meio em que a leitura e a escrita têm presenças fortes, se inserem em práticas de leitura e escrita: recebem cartas e com isso ouvem a leitura desse texto ou ditam uma carta para se comunicar com alguém distante; escutam a leitura de notícias de jornais para se manterem atualizados, solicitam que as pessoas leiam as instruções de uma receita para poderem fazer um prato específico, etc.

Dando continuidade aos questionamentos, perguntamos quais são as estratégias didáticas que o professor geralmente utiliza para trabalhar a escrita e a produção de textos escritos com os estudantes. O professor afirmou “o ditado de sílabas e palavras, treino da ortografia etc”. Quanto às estratégias didáticas Klein (2003) salienta também ser necessário que o professor consiga viabilizar as estratégias mais pertinentes para o aprendizado, com o cuidado de escolhê-las entre aquelas que mais promovam a participação ativa dos estudantes. Neste caso, a relação e interação professor e estudantes devem ser fundamentais, pois essa relação fará com que desenvolvam suas potencialidades, tornando a aula mais prazerosa e criativa.

Por fim, questionamos, quais são as dificuldades que o professor enfrenta para ajudar os estudantes com dificuldades em aprender a escrever e a produzir textos superar essas dificuldades. O professor afirmou que “não vejo dificuldade e sim uma oportunidade de transmitir aos alunos que a idade não é impedimento de buscar algo melhor para suas vidas”. Essas palavras vêm ao encontro com as palavras de Kuenzer (2000, p.40), quando diz que:

A educação deve voltar-se para uma formação na qual os educandos possam: aprender permanentemente, refletir criticamente; agir com responsabilidade individual e coletiva; participar do trabalho e da vida coletiva; comportar-se de forma solidária; acompanhar a dinamicidade das mudanças sociais; enfrentar problemas novos construindo soluções originais com agilidade e rapidez, a partir da utilização metodologicamente adequada de conhecimentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos.

A afirmação do professor demonstra que nunca é tarde para voltar ao convívio escolar e buscar conhecimento para ter uma vida melhor com oportunidades de crescer, tanto em conhecimento, como para o mundo do trabalho. Para tanto, a dificuldade de apropriação da



escrita alfabética precisa ser superada para que os demais conhecimentos possam ser apreendidos pelos estudantes da EJA.

A prática pedagógica de um professor que atua no primeiro segmento da EJA em uma escola pública de Juara/MT

Neste item, sistematizamos e organizamos aspectos observados no decorrer de uma semana de observação em uma sala de aula com estudantes jovens e adultos matriculados no primeiro segmento da EJA. A turma observada possui um total de 18 estudantes.

Observamos no período da pesquisa que as intervenções que o professor utilizou nas aulas foram às mesmas. Portanto, não observamos um trabalho diferenciado, aspecto que contribuiu, em nossa opção para deixar as aulas cansativas. Para Vygotski (1989), o indivíduo aprende por meio da interação sócio cultural que mantém com o objeto de conhecimento (escrita) e por meio da relação com outras pessoas alfabetizadas. Nesse sentido, intervenções pedagógicas dinâmicas e interativas poderá fazer a diferença na aprendizagem dos estudantes.

A recomendação de BRASIL/MEC, (2002) é que o professor utilize recursos e estratégias didáticas diversificadas para que a aula não fique tão cansativa e monótona, assim, o professor deve recorrer a alternativas como, por exemplo, vídeos, textos de diversos gêneros que podem ser encontrados em jornais, revistas, livros didáticos, panfletos, etc., Assim,

[...] um vídeo amador, por exemplo, pode "captar" aspectos da intervenção do professor e da tomada de decisão em situações contextualizadas que muito enriquecem a reflexão sobre a prática, apresentando não só alternativas viáveis, mas também experiências para serem discutidas, questionadas, para se pensar sobre as diferentes formas de agir de diferentes professores em diferentes contextos (BRASIL/MEC, 2002, p. 109).

Durante a semana em que realizamos a pesquisa com observação o professor trabalhou apenas com atividades impressas, que se resumiram na escrita dos nomes dos desenhos e objetos contidos nas folhas impressas.

Neste sentido Calháu (1999, p. 53), ressalta que “no caso da educação de jovens e adultos, o planejamento precisa levar em conta as exigências do contexto social no qual estão inseridas, as características de cada grupo, suas aspirações, projetos e necessidades. Como



destaca as afirmações de Freire, (1996, p. 47) “ [...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

No decorrer das vinte horas de observação que realizamos o professor não leu para os estudantes, como também não trabalhou atividades que envolvessem os estudantes em situações de leitura de interpretação e de produção de textos escritos. As atividades trabalhadas no decorrer da semana em que realizamos a observação resumiram-se em cópias de nomes de objetos. A leitura, a interpretação, bem como as situações de escritas que provocam os estudantes a pensarem sobre a complexidade do sistema de escrita alfabética não foram trabalhadas. Como também não observamos situações didáticas contextualizadas e articuladas a práticas de letramentos. No entanto:

A alfabetização tem que acontecer em um contexto de letramento em que ambos os processos se constroem mutuamente, conferindo sentido à aprendizagem. Nesse sentido, alfabetizar e letrar caminham juntos no processo educativo que se quer desenvolver. Este deve ser o entendimento do alfabetizador, aliado ao conhecimento da bibliografia especializada na Educação de Jovens e Adultos, passando a somar saberes que respondam satisfatoriamente aos problemas expostos neste artigo (ALVES e RODRIGUES, 2013, p. 17).

Com esta compreensão, Soares, (2003, p.12) afirma que:

[...] nas últimas décadas, a concepção de letramento baseia-se numa concepção holística da aprendizagem da língua escrita, de que decorre o princípio de que aprender a ler e a escrever é aprender a construir sentido para e por meio de textos escritos, usando experiências e conhecimentos prévios; no quadro dessa concepção, o sistema grafofônico (as relações fonema- grafema) não é objeto de ensino direto e explícito, pois sua aprendizagem decorreria de forma natural da interação da língua escrita.

Observamos que os estudantes gostavam de escrever as palavras nas folhas impressas. Todavia, como já afirmamos, as atividades propostas são desarticuladas da realidade. Há pouco diálogo e interação entre os estudantes e o professor. Neste sentido, seria importante que o professor propusesse novas estratégias didáticas, pois segundo Fasheh (1999, p. 166), de fato “aprender a ler e a escrever pode ajudar uma pessoa a ser livre” e quanto mais ela buscar conhecimento mais autonomia será, não dependerá de ninguém para ler ou escrever alguma coisa para ela.

Não presenciamos sequências de atividades desencadeadas a partir de um gênero textual no decorrer da semana de observação. Os diversos gêneros textuais que circulam no



meio social não foram utilizados como “matéria prima” das aulas trabalhadas nessa semana. Diante da realidade observada, julgamos importante destacar que:

Compete ao professor, além de incrementar seus conhecimentos e atualizá-los, esforçar-se por praticar os métodos mais adequados em seu ensino, proceder a uma análise de sua própria realidade pessoal como educador, examinar com autoconsciência crítica sua conduta e seu desempenho, com a intenção de ver se está cumprindo aquilo que sua consciência crítica da realidade nacional lhe assinala como sua correta atividade (PINTO, 2000, p. 113).

Integrava a sala de aula observada dois estudantes deficientes, um com deficiência visual e outro com deficiência auditiva. Observamos que a atividade realizada pelo estudante com deficiência visual no decorrer da semana foi à leitura de um livro em braile e do estudante deficiente auditivo foi cópias de um livro didático. O professor da sala de aula se justificou ao afirmar que: “não tenho como trabalhar com eles, pois eles teriam o direito de ter alguém para os auxiliarem”. O professor também argumentou que os referidos estudantes não tem obrigação de ir para a escola.

Entretanto, como assegura o artigo 5º da Constituição brasileira “todos somos iguais perante a lei”. Conforme assegura a referida Lei a educação é direito de todos e dever do estado, independente de sexo, raça, idade e do contexto social, onde deve ser promovida e incentivada. Diante do quadro observado, vale lembrar que:

O analfabetismo não é doença ou “erva daninha”, como se costumava dizer entre nós. É a negação de um direito ao lado da negação de outros direitos. O analfabetismo não é uma questão pedagógica, mas uma questão essencialmente política. [...] O educador precisa respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. [...] É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a alfabetização ou a aquisição de novos conhecimentos tem sentido (GADOTTI, 1998, p. 14).

Como já afirmamos, durante a semana em que estivemos em sala de aula não presenciamos uma interação do professor com os estudantes e dos estudantes com o professor. Contudo,

A relação professor é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos (AQUINO, 1996, p. 34).



A observação realizada na referida sala de aula nos permitiu constatar que a maioria dos estudantes ainda não sabe ler, escrever e produzir textos escritos. A observação foi realizada no final do ano letivo e notamos que a maioria dos estudantes ainda não tinha se apropriado do Sistema de Escrita Alfabética.

São muitos os fatores que podem prejudicar a aprendizagem dos estudantes da EJA, dentre esses a atuação docente. Contudo,

Os professores que trabalham na Educação de Jovens e Adultos, em quase sua totalidade, não estão preparados para atuarem no campo específico dessa modalidade de ensino. Em geral, são professores leigos ou pertencentes ao próprio corpo docente do ensino regular. Na formação de professores não se tem observado uma preocupação referente ao campo específico da Educação de Jovens e Adultos (GADOTTI, 2005, p. 69).

Desse modo, além da formação continuada, importante e necessária,

Os educadores devem avaliar constantemente suas práticas pedagógicas, buscar aprofundar teoricamente aspectos ligados à educação de jovens e adultos, resgatar, em primeiro lugar, a consciência sobre as seguintes questões: quem são os educandos, como eles pensam, como dimensionam seu tempo, quais seus interesses, como percebem o mundo a sua volta, quais suas necessidades, como constroem o conhecimento e outras mais (RIGHEZ e AGLIARDI, 2013, p. 4).

A partir do momento em que o professor se dispõe a lecionar na EJA ele deve estar ciente que irá enfrentar vários desafios, um desses é pesquisar recursos e estratégias didáticas que poderão contribuir com o processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética dos estudantes.

Considerações Finais

A apropriação da leitura e da escrita é fundamental no processo educativo porque permite ao estudante, o aprendizado de conhecimentos elaborados ao longo da história da humanidade.

Assim, é função da instituição educativa fornecer os instrumentos necessários para que o educando consiga se apropriar dos conhecimentos que extrapolem os conhecimentos



empíricos, construídos fora dos espaços escolares, esses conhecimentos possibilita, dentre outras coisas, a promoção do desenvolvimento humano, em todas as suas dimensões.

Com essa compreensão, o objetivo dessa pesquisa foi analisar como o professor que atua no 1º segmento da Educação de Jovens e Adultos trabalha as dificuldades de apropriação do Sistema de Escrita Alfabético apresentadas pelos estudantes da EJA.

A pesquisa foi realizada em uma sala de aula com dezoito estudantes do primeiro segmento da EJA. Observamos que esses tinham muita dificuldade para apreender a ler e a escrever, ou seja, observamos que a maioria ainda não sabia escrever e produzir textos escritos.

Diante da realidade observada, chamamos a atenção para a ausência de um planejamento adequado por parte do professor para atender as necessidades dos estudantes, uma vez que possuem diferenciadas dificuldades de aprendizagem. Também não presenciemos sequências de atividades desencadeadas a partir de um gênero textual, sendo esta uma possibilidade de planejamento interventivo importante para o aprendizado do estudante da EJA.

O professor não trabalhou, no decorrer da semana da observação realizada, estratégias didáticas com situações de escritas e produção de textos escritos, uma vez que as atividades trabalhadas se resumiram na escrita de palavras descontextualizadas de um texto e de um contexto. Assim, as referidas atividades podem ser caracterizadas como rituais que não provocam a reflexão sobre a apropriação do Sistema de Escrita Alfabético. Além disso, viu-se a necessidade de maior interação por parte do professor com os estudantes, principalmente com os estudantes cego e surdo. Seria importante a adoção, por parte do professor, de outros recursos e estratégias de aprendizagem que possam contribuir com o desenvolvimento dos referidos estudantes.

Portanto, a pesquisa nos permite afirmar que as dificuldades de apropriação do Sistema de Escrita Alfabético (SEA) são pouco trabalhadas pelo professor no interior da sala de aula observada. Desse modo, as afirmações do referido professor condiz parcialmente com a sua atuação em sala.

Seria interessante que o professor elaborasse um planejamento que atendesse as diversidades dos estudantes, com a adoção de recursos e de estratégias de aprendizagem que favoreçam a superação das dificuldades desses em se apropriarem do Sistema de Escrita



Alfabetica (SEA) e também busque se capacitar para trabalhar com os estudantes deficientes, pois assim como os demais, esses também têm o direito de aprender.

Referências

AQUINO, Julio Gropa. **A relação professor-estudante: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal: Secretaria Especial de Editoração e Publicações: Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislação/const/CON1988_05.10.1988/CON1988. Pdf.> Acesso em: 14 jul.2016

BARROCO, Sônia Mari. M. S Shima; TULESKI, Silvana Calvo. VIGOTSKI: O homem cultural e seus processos criativos. In: **Psicologia da Educação**, v. 24, p. 15-32, 2006.

FERNANDES, A. P. *et al.* **Incluindo socialmente jovens e adultos através da inclusão digital**. [S.l.: s.n.], 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

_____. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 158 p.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 4. ed. Rio de Janeiro. 1990.

GADOTTI. M. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1998.

GADOTTI, M; ROMÃOJ. E. (orgs). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 7. Ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005

KLEIN, Lígia Regina. **Alfabetização de Jovens e Adultos: questões e propostas para a prática pedagógica na perspectiva histórica**. Brasília: Universa, 2003

LURIA, Alexander R. Curso de Psicologia Geral: **introdução evolucionista à psicologia**. V. 1. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1994.



PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11 Edição. São Paulo. Cortez, 2000.

RIGHEZ, Cristiana. AGLIARDI, Delcio Antônio. **O professor da EJA que atua no ambiente prisional**. Anais do Seminário Diálogos com a Educação Desafios da EJA contemporânea. 2013.

SOARES, Magda Becker **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VIEGAS, Ilana da Silva Rebello. **O papel social da leitura e da escrita: ser alfabetizado é ser letrado**. Anais da IX Semana Nacional de Estudos Filológicos e Lingüísticos. 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/17.htm> . Acesso em: 10 Nov. 2016.